

Editorial

A figura do “moinho satânico” de Polanyi nunca pareceu tão real. Esmagados/as por um capitalismo em crise, engolidos/as pela indiferença e descaso da necropolítica neoliberal e sufocados/as por crescentes medidas de exceção, somos defrontados/as com uma pandemia mundial. Não bastassem a apatia política e a desesperança, o crescimento do ódio e do autoritarismo, o novo coronavírus (SARS-CoV-2) ameaça sem desvios. E como tudo sob a lógica do Capital, o vírus também não escaparia à subsunção, contagiando potencialmente todos e todas, mas matando predominantemente negros/as, sobrecarregando, ainda mais, as mulheres com os cuidados. Ceifa sem piedade as franjas mais de pauperadas das classes trabalhadoras, sem acesso a uma rede de saúde pública adequada, impossibilitados/as de fazer quarentena (agora um privilégio), de alimentarem-se e cuidarem-se adequadamente. As mazelas do Capital são reveladas de forma brutal pela pandemia e seus “dentes podres riem para nós”. Pois não se enganem, o vírus está longe de ter sido o responsável pela crise econômica, política e civilizatória em que nos encontramos.

A crise sanitária só veio revelar de modo mais abrupto a destrutibilidade da sociabilidade burguesa; o novo coronavírus somente veio abrir a tampa do esgoto para que ele reinasse a céu aberto. O “novo normal” não será capaz de fechar essa tampa, de apagar o desígnio “chinês”, impregnado de xenofobia e intolerância, dado ao vírus. Não apagará a primeira vítima ter sido uma trabalhadora doméstica, contaminada pela patroa; não apagará a memória do menino Miguel, vítima do descaso e racismo da patroa de sua mãe; não apagará o desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS), mas pior (muito pior) sem ele; não apagará as covas coletivas no norte do país; não apagará a odisseia para conseguir o mísero auxílio de 600 reais; não apagará as incursões genocidas da polícia e da milícia em periferias. Como também o genocídio indígena e a devastação da Amazônia que não cessou, pelo contrário, aumentaram as queimadas durante a pandemia, o “pulmão do mundo”. Mais que tudo isso, o “novo normal” não apagará o desprezo do governo de Jair Bolsonaro por aqueles e aquelas que não compõem o seu clã, e portanto, pela vida de inúmeras pessoas. “E daí?”, ele disse. Seus ministros riem do nosso sofrimento, do nosso desespero, mimetizam Mussolini, querem “passar a boiada” devorando, de uma vez, os direitos, que nos restam

com a insistente veiculação de um suposto remédio milagroso. E sobre esse circo de absurdos um véu de obscurantismo, irracionalidade e desinformação.

Qual o lugar da pesquisa e da ciência num momento em que se depende dela para continuar a viver? Deslegitimadas, diminuídas sob o signo de uma “opinião” como qualquer outra, são vítimas de cortes mesmo durante a pandemia. Um dos nossos mais promissores pesquisadores à frente do estudo do novo coronavírus teve sua bolsa de doutorado cortada na mesma semana que o presidente dizia, em rede nacional, ser o Covid-19 só uma “gripezinha”. Bolsas de pesquisa, intercâmbios com instituições internacionais, editais para qualificação de quadros, auxílio a eventos científicos e periódicos, tudo cortado. Revistas como essa, com perfil marxista, encontram-se ameaçadas de encerramento pela falta de financiamento e pela perseguição política daqueles que não suportam o barulho da crítica mais tenaz, nem o estímulo à reflexão e ao pensamento transformador. Obscurantismo mata. Informações falsas matam. Um mundo ignorante, sem conhecimento, sem ciência, sem pesquisa: esse é o projeto educacional do governo Bolsonaro.

Na contramão do irracionalismo apresentamos a Nota crítica de **Gilberto Calil, Negacionismo e guerra de informações na construção da tragédia brasileira sob a pandemia**, na qual o autor aborda como a perspectiva negacionista foi sistematizada e com argumentos para minimizar os riscos e subdimensionar a pandemia do novo coronavírus. Com a desqualificação das medidas necessárias para a contenção da pandemia e a propagação de falsas ilusões com medicamentos sem eficiência comprovada. O negacionismo e obscurantismo foram alicerçados pela máquina de propaganda do atual governo, que propaga nas redes sociais grosseiras falsificações, produzindo inúmeras contrainformações. Calil, por meio de dados e pesquisas de todo o Brasil, alerta-nos sobre a subnotificação dos casos com subdimensionamento dos óbitos e sobre a criação das condições para a produção da tragédia que estamos vivendo.

Enquanto a morte de milhares de pessoas no Brasil atinge o número estratosférico e alça o país à segunda posição no ranking mundial da pandemia, os planos de reabertura são forjados e “festas do Covid-19” são realizadas. Brindar à morte nunca foi algo tão literal. Ao mesmo tempo, grandes corporações festejam suas propagandas de “responsabilidade social” diárias, em horário nobre, dos subsídios em campanhas solidárias para o combate à pandemia do novo coronavírus.

A prática social evidencia a veracidade de pesquisas que demonstram o engodo do capitalismo sustentável, humanizado e filantrópico. É o que o artigo **Capitalismo filantrópico? – múltiplos papéis dos aparelhos privados de hegemonia empresariais** de **Virgínia Fontes** apresenta. A autora em seu texto demonstra a partir dos fundamentos marxianos e gramscianos como a burguesia promove estratégias de apassivamento das lutas de classes e, por sua vez, eleva a exploração

da força de trabalho. Assim como viabiliza inúmeras expropriações de direitos, por meio dos aparelhos privados de hegemonia empresariais, que auxiliam na naturalização da redução ou extinção daqueles. Demonstra, portanto, que a ampliação do Estado a partir de diversas gerações de entidades empresariais sem fins lucrativos, no Brasil contemporâneo, beneficia somente o capital, porque sustenta seu avanço sobre os recursos públicos. Virgínia Fontes também destaca os grandes desafios de pesquisa que precisamos enfrentar por efeito desses procedimentos burgueses direcionados para a “esterilização” das lutas de classes.

Victor Neves em Movimentos sociais “clássicos, “contemporâneos” e relevância da estratégia socialista constrói uma análise sobre os “novos” e “velhos” movimentos sociais, revelando os métodos e teorias que estão presentes nessa adjetivação categorial. Assim, o autor coloca que existe uma aparente divisão do processo da luta dos trabalhadores que apaga diversas continuidades e contextos em nome de uma suposta superioridade do novo sobre o velho. Neves também faz uma importante reflexão sobre a estratégia socialista como um caminho possível de entender e mobilizar a consciência de classe e suas organizações, sem deixar de lado as lutas identitárias e o horizonte revolucionário da emancipação humana através do fenecimento da relação capital trabalho estabelecida no capitalismo.

Os artigos de **Douglas Santos Alves, Capitalismo, sujeito moderno e corporativismo identitário** e de **Arelys Esquenazi Borrego, Relações sociais de produção e relações patriarcais de gênero no capitalismo: olhando para além da aparente dualidade** não poderiam expressar melhor o desafio que estamos enfrentando na atual conjuntura. Ambos desenvolvem discussões acerca das relações estruturais entre as opressões identitárias e o desenvolvimento do capitalismo.

Douglas Alves traz para o centro do debate o processo histórico de formação do sujeito moderno como um processo violento, atravessado por desigualdades e conformador de uma determinada normatividade hegemônica contraposta à um conjunto de identidades subalternas, mostrando quão complexa e embrionário é o debate sobre opressões no capitalismo. Estar fora da normatividade hegemônica no mundo do Capital é não apenas estar submetido às discriminações, estigmas e silenciamentos, mas, em tempos de fascistização e aprofundamento da cultura do ódio, também sob ameaça de agressão e ataques constantes.

Já Arelys Borrego se debruça sobre a opressão de gênero, construindo um robusto debate conceitual acerca das teorias feministas que procuram entrelaçar as relações sociais de produção com as relações patriarcais no capitalismo. Nesse bojo, são apresentadas e debatidas as correntes que trabalham com as teorias dos sistemas duplos e triplos (interseccionalidade e consubstancialidade), bem como a crítica colocada pela teoria da reprodução social, entendendo a opressão de gênero em unidade com a lógica do Capital, sendo condição fundamental

para seu desenvolvimento. O texto consiste num proveitoso exercício de síntese, apresentando referências clássicas e atuais do debate.

Eric Crevel em Aspectos da conceituação do trabalho em Marx: a alienação como abstração concreta percorre o pensamento filosófico moderno sobre a categoria trabalho para analisar minuciosamente as diferenças e especificidades do trabalho, principalmente nas obras de Hegel e Marx. Para superar o pensamento de trabalho em Hegel, Marx inverte a dialética hegeliana e compreende uma dupla determinação do trabalho, uma de caráter abstrato e outra de caráter concreto. Crevel também arvora suas considerações sobre as noções de alienação e estranhamento, considerando o estranhamento a alienação em ação, isto é, como fruto de um processo e historicamente construído nas relações capitalistas.

O artigo **Antagonismo y hegemonía. La conflictividad social entre la estructura y el sujeto** de **Guido Galafassi** objetiva analisar a diversidade e complexidade dos processos de conflito e dominação. Assim como os padrões de unidade que os atravessam, ao mesmo tempo, as diferenças na multiplicidade das manifestações no tempo e espaço. O autor fundamenta-se a partir de “noções-chave” como luta de classes e hegemonia, sob a perspectiva dialética, com base nas contribuições de Gramsci, Althusser, Thompson e os pensadores da Escola de Frankfurt.

Adriano Parra em Para uma compreensão materialista da cultura: crítica à gnosilogia formal das objetivações sociais empreende uma discussão sobre a categoria cultura à luz das reflexões marxianas e marxistas. Ele percorre amplo debate teórico, refutando as diferentes correntes das ciências sociais que reduzem sua crítica ao marxismo como mero pensamento economicista. Parra afirma que a “cultura é a manifestação prática da vida dos seres humanos” e, portanto, deve ser entendida como um processo histórico de múltiplas determinações, ou seja, em sua totalidade dialética.

O luta e memória desta edição traz a valiosa contribuição de **Lucas Parreiras Álvares** com as “**Cartas de Março**” de **Marx e Engels**, trocadas em março de 1868 acerca da literatura pré-capitalista em Georg Maurer. Feitas a partir da edição inglesa de *Marx & Engels Collected Works* de 1988, a tradução nos traz as cartas em sua integralidade, compondo não apenas um precioso arsenal documental, como material singular, iluminando contextos históricos que atravessam a produção da obra marxiana e revelando elementos da trajetória social e individual de Marx e seus interlocutores.

Fechamos este editorial diante deste período histórico de crise humanitária com o questionamento: Que mundo será esse do “novo normal”? Não pode ser uma “volta ao normal”, pois justamente esse “normal” do *Capital* que nos trouxe a esse lugar, que nos deixou numa condição semi-morta, catatônica. O vírus não veio nos destruir; nós estamos nos destruindo, o capitalismo tem nos

destruído. Destruição e morte são os rastros históricos do Capital que incidem sobre a maioria. Basta de “normal”! Almejamos um novo mundo. Queremos quebrar as engrenagens do “moinho satânico”, sairmos e vermos o sol, um sol que brilhe para todos e todas.